

Vol. II N. 4 — 15 DE OUTUBRO 1926

BOLETIM
DO
MUSEU NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

DIRECTOR

Dr. ARTHUR NEIVA

S U M M A R I O

	Pag.
THOMAZ BORGMEIER, O. F. M. — Contribuição para o conhecimento dos generos <i>RHYNCOPTROMYIA</i> mall. e <i>ACANTHOPHORIDES</i> Borg. (Dipt. Phoridae).....	1
CORNELIO FERNANDES — Ethnographia indigena do Rio de Janeiro	13
MARIO ROSA — Lepidopteros do norte do Brasil.....	23
RAIMUNDO LOPES — Aspectos da formação sertaneja.....	25
DR. ALFREDO ANTONIO DE ANDRADE — O oleo de algodoeiro	35

Livraria, Papelaria e Litho-Typographia
PIMENTA DE MELLO & Cia.
Rio de Janeiro
1926

ETHNOGRAPHIA INDIGENA DO RIO DE JANEIRO

CORNELIO FERNANDES

I

OS INDIGENAS

Tres foram os grupos indigenas que concorreram para a formação ethnica do povo fluminense, se é que de facto foi consideravel a porcentagem do sangue americano no caldeamento racial aqui realizado, ou se a chegada da civilização occidental afugentou para os sertões os aborígenes que lá encontrariam a localidade esbulhada no littoral.

As tentativas da colonização com o braço indigena foram dum modo geral innocuas pois não raro se vê nas chronicas d'antanho a extincção dos aldeamentos organizados, que eram abandonados pelo selvicola sob o imperio de circumstancias em que quasi sempre se approximavam da escravidão.

Verdade é que a nossa historia conta personagens indigenas de subido valor batalhando ao lado do portuguez para a valorização da gleba.

Mas não serão casos isolados que não indiquem uma generalidade?

Não seria mais provavel que os indigenas acceitassem mal um estado de coisas incompativel com o seu grau baixo de cultura?

São interrogações a serem respondidas por um estudo completo e minucioso da evolução das collectividades humanas.

Eram o Tupy, o Gê e o Goitacá, os grupos que aqui tinham representantes.

Neste particular são accordes as opiniões geraes mórmente as de Norberto de Souza e Silva, que organisou um estudo detalhado sobre as tribus e aldeamentos indigenas do Rio de Janeiro e a abalizada opinião de Mello Moraes, nos seus estudos conscienciosos sobre o assumpto.

Vejam os pois o que se ha dito a este respeito.

Norberto de Souza e Silva a paginas 123 do Tomo 17 da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro assim se exprime: "Eram os unicos representantes na provincia do Rio de Janeiro d'essa raça tupi que, denominando sempre a costa, etc."

Concordando com o douto pesquisador citado, Mello Moraes escreve a paginas 411 de sua Geographia Historica:

"Tamoyos ou Tamoios — Habitavão desde Cabo Frio, ás margens da Bahia do Rio de Janeiro, até ao estabelecimento dos Portuguezes em S. Vicente, etc."

E Nelson de Senna em sua Memoria apresentada ao 3º Congresso Scientifico Latino Americano, em 1905, diz:

"Tamoyos — ... campeavam no littoral fluminense desde Cabo Frio e Cabo S. Thomé, até Angra dos Reis, etc."

Sobre os Goitacases encontramos a mesma concordancia de opiniões.

Assim é que, a paginas 124 do Tomo 17 da Revista se exprime Norberto de Souza e Silva:

"As tribus que em maior numero denominavam a provincia parecem descender dos Goitacases..."

E o autor da Chorographia Historica a paginas 385 do volume II:

"Goytacazes — Nação de índios, vizinha dos Vaitagnases, e se estendiam desde as planícies, que são hoje conhecidas por Campos dos Goytacazes, ao longo da margem Meridional do Rio Parahyba do Sul, até a parte Meridional do Rio Xiquitos, nos contornos de Villa Rica".

Nelson de Senna a paginas 48 de sua Memoria confirma os dois autores supra.

De Norberto de Souza e Silva é a seguinte opinião sobre os Aymorés, no Tomo 17 da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro:

"Os Aimburés ou Aymorés, cognominados Boticudos pelo adorno do labio inferior, ou Gamellas pela sua conformação e que divididos em pequenas cabildas hão em suas excursões apparecido em quasi todo o Brasil, dominavam a serra que correndo ao longo da costa na direcção de Norte a Sueste desde Ilhéos até o rio Macacú, tomou o seu nome".

Mello Moraes a paginas 373 do volume II de sua Chorographia Historica confirma esta localizaçào, bem como Nelson de Senna, na sua Memoria dá identica localizaçào para os Aymorés, acrescentando mais a paginas 50 da mesma obra a tribu dos Goyanases

como habitadora das terras fluminenses, o que aliás está em Pizono no volume 3º, pagina 79 de suas Memorias Historicas.

Além destas opiniões outras mais de chronistas e viajantes dos tempos coloniaes confirmam o que acima ficou dito.

De modo que podemos determinar as zonas actuaes onde primitivamente habitaram os povoadores iniciaes do nosso sólo.

Os Goitacases, (1, 10, 11, 12), occupavam a região comprehendida pelo Valle do Parahyba do Sul, indo até aos valles de seus affluentes. Rio Preto e Rio Bonito, a parte Norte do Estado do Rio de Janeiro, os sertões mineiros da margem esquerda do grande rio sulino e o territorio do Espirito Santo até os seus $\frac{2}{3}$.

Os seus limites no Estado do Rio podem ser dados *grosso modo*, pela linha: Bahia Formosa — Rio S. João — Rio Macahé — Parahyba — curso deste rio até a confluencia com o Rio Preto. Ficando os valles deste rio e de seu affluente Rio Bonito ainda sob a zona de influencia Goitacá. Pelo Léste, o Atlantico fechava o cyclo deste grupo.

No Estado do Espirito Santo os limites do territorio Goitacá attingiam a bacia do S. Matheus, inclusive a cidade do mesmo nome.

Na parte de Minas os Goitacases dominavam os sertões da margem esquerda do Parahyba do Sul.

O territorio dos Tamoyos, (1, 9, 11, 18), estendia-se do ponto terminal da influencia goitacá até ás proximidades de São Vicente, sempre pela costa occupando os bons portos nella existentes.

Os Aymorés campeavam na serra do mesmo nome pelos Estados actuaes de Rio de Janeiro e Espirito Santo, (1).

Os Goyanases, (1, 14) estendiam-se pelo interior do littoral sul fluminenses, por traz do territorio tamoyo até S. Paulo onde eram assaz numerosos.

Além destes indigenas outros aqui trouxeram o seu contingente para a formação do ethno fluminense trazidos pelos portuguezes para auxiliá-los em suas lutas taes como os Tupiniquins, (2, 9, 1) e Temininis, (13, 9).

Dos Goitacases destacavam-se os Puris, (13, 11, 9) occupando a margem esquerda do Parahyba e sendo localizados em alguns pontos da margem direita pelos portuguezes; os Guarulhos, (13, 9), dominando as regiões do baixo Parahyba, e os Coroados e Coropós, localizando-se em differentes pontos da bacia do grande rio em suas aldeias de contróle franco.

Feita a localização resta a distribuição das tribus pelos grupos modernamente acceitos e chegaremos á classificação seguinte, para os indios do Rio de Janeiro:

}	Tupys	}	Tamoios
			Tupiniquins
			Temininis
}	Gês	}	Aimorés
			Goianases
}	Goitacases	}	Guarulhos
			Puris
			Corapós
			Coroados

Nesta classificação estamos com os modernamente estabelecidos, por Rodolpho Garcia no Dicionario Historico e Geographico, commemorativo do Centenario do Brasil, por Roquette Pinto em Ethnographia Indigena do Brasil.

Dos tres grupos foi o Goitacá, indubitavelmente o que maior contingente deu para a formação do ethno fluminense, pois que foram os em maior numero aldeados pelos portuguezes em nucleos donde sahiram cidades como Itaocara, Valença, Rio Bonito, S. Pedro, etc.

A razão deste facto está em terem sido os Goytacases os mais cultos indigenas do Rio de Janeiro como os descreve Norberto de Souza e Silva a paginas 125 do Tomo 17 da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e o seu espirito de altivez para com os outros são disso a prova, (5), embora fossem pejorativamente considerados por Simão de Vasconcellos quando os descreveu na Vida do Padre Anchieta, Livro 5, Cap. 10, que assim pinta os senhores dos ferteis Campos dos Goitacases:

“...esta especie de gentio a mais feroz e deshumana que havia por toda aquella costa...”

Já os Tamoyos, nomades systematicos, mal estagiando em aldeias cuja duração não ultrapassava o tempo de exhaurir a terra, eram inimigos declarados dos portuguezes e furtavam-se á collaboração da valorização da gleba.

O mesmo se póde dizer dos Aymorés, cujo nome só apparece nas chronicas d'antanho ao lado de seu nomadismo pelos sertões do Brasil.

De modo que após os Goitacases o grupo que mais contribuiu com o elemento branco para a posse da terra foi o Tupy, não com o Tamoyo, porém, com os Tupyniquins e Temininós trazidos para o Rio de Janeiro de outros pontos do Brasil.

MUSEU NACIONAL
Seccção de Anthropologia
e Ethnographia

Mapa organizado por *Romão José Gonçalves da Silva*
1925



II

A S · A L D E I A S

Os resquícios da contribuição indígena para a formação do povo fluminense ficaram nas suas aldeias que aqui se fundaram e nos cruzamentos isolados e esporadicamente effectuados com o invasor.

Estas aldeias se constituíam de duas maneiras: espontaneamente formadas pelo selvagem ou fundadas e controladas pelo branco.

No primeiro caso a sua duração era ephemera e accidentalmente definitiva, *verbi gratia*, Varnhagen, (Historia Geral do Brasil, 3ª edição, pagina 47):

“As aldeias se construíam de modo que apenas duravam uns quatro annos.”

Era um caracter geral como accentúa o erudito historiador á mesma pagina da obra citada:

“Por toda a extensão que deixamos descripta não havia povoações fixas e que descobrissem em seus habitantes visos de habitação permanente.”

Estes aldeamentos persistiam até que uma circumstancia mais forte estimulasse o nomadismo ingenito do incola que levava a outras paragens, deixando até aos nossos dias, como vestígios de seu sedentarismo transitorio, os cemiterios creados e ciosamente acoutados sob a matta que retomava o lugar abandonado pelo desbravador passageiro.

Com os aldeamentos de contróle branco, facto analogo se dava e o indio fundia-se na massa da população ou afugentava-se pelos máus tratos do branco que constantemente affluia a estes incipientes nucleos de população.

Quando o contróle do aldeamento era dado aos Jesuitas, em breve se transformavam os indigenas em verdadeiros escravos da gleba, tendo todo o seu esforço prejudicado com os aforamentos devidos aos padres, (Norberto de Souza e Silva, Revista, Tomo 17).

Accresce que ainda é problematica a capacidade de trabalho do indigena naquella época, sendo mesmo difficil que um povo em completo nomadismo se transmudasse em sedentario agricultor sem o intervallo de adaptação de algumas gerações de transição, que fosse talvez a causa do abandono, pelo incola, dos direitos e deveres que as leis da colonia lhe attribuíam.

De modo que os aldeamentos indigenas, quer controlados e fundados pelos brancos, quer de organização espontanea só se desenvolviam com o affluxo da emigração occidental, no caso formada por portuguezes e mamelucos do littoral.

ALDEIAS DE CONTROLE BRANCO

S. Lourenço. — Situada na enseada de Muruhy, dirigida por Ararigboia, sob o controle jesuitico, formada com indios Tupimimis, transformou-se na actual Niteroy, (13, 11, 1, 18).

S. Francisco Xavier. — Formada com indios Carijós ou Tupiniquins, dirigida por jesuitas ou padres seculares; situada na Ilha de Itacurussá com a denominação de Itinga mudando-se após para Itaguahy; actualmente Itaguahy, (13, 1, 18).

Nossa Senhora da Guia de Mangaratiba. — Formada com indios Tupiniquins, situada no promontório que divide a bahia de Angra dos Reis em duas partes; dirigida por padres seculares; actualmente Mangaratiba, (13, 18, 1).

S. Pedro — Situada nas proximidades de Santa Helena, (Cabo Frio); direcção jesuitica; actualmente S. Pedro d'Aldeia, (13, 18, 1, 11).

Ipuca — Formada com indios Guarulhos; situada a principio nas nascentes do rio Aldeia Velha e posteriormente transferida para o rio S. João; direcção secular, actualmente S. João de Ipuca, (13, 18, 1).

Nossa Senhora das Neves. — Formada com indios Guarulhos; situada nas proximidades da fóz do Macahé; fundação jesuitica e direcção secular; actualmente Neves, (13, 18, 1).

Sta. Rita. — Formada com indios Coroados; situada na margem do Bassorahy; fundação jesuitica; actualmente Santa Rita, (13, 18, 1).

Santo Antonio de Guarulhos. — Formada com indios Guarulhos; situada na margem sepetentrional do baixo Parahyba; fundação e direcção secular; actualmente Guarulhos, (13, 18, 1).

S. Luiz Beltrão. — Formada com indios Puris; situada nas margens do ribeirão S. Luiz, nas abas da cordilheira Tunifel, direcção secular; actualmente S. Luiz Beltrão, (13, 18, 1).

Nossa Senhora da Gloria de Valença. — Formada com indios Coroados; situada entre o Rio Preto e o Parahyba; direcção secular; actualmente Valença, (13, 18, 1).

S. José de Leonissa. — Formada com indios Puris; situada na margem meridional do Parahyba; fundação secular; actualmente Itaocára, (13, 18, 1).

S. Fidelis. — Formada com indios Puris; situada no valle do rio Pomba; actualmente S. Fidelis, (estação secundaria da Leopoldina), (13, 18, 11).

S. Fidelis de Sigmaringa. — Formada com indios Coroados; situada na margem meridional do Parahyba a 10 leguas de Campos; fundada por padres seculares; actualmente S. Fidelis, (13, 18, 1, 11).

Sto. Antonio do Rio Bonito. — Formada com indios Coroados; fundada e dirigida por padres seculares; actualmente Rio Bonito (13,18).

Sto. Antonio de Padua — Formada com indios Coroados; situada na margem direita do Rio Pomba; actualmente Sto Antonio de Padua; direcção de padres seculares, (1, 13, 18).

S. Bernabé. — Formada com indios christãos de S. Lourenço; direcção jesuitica; situada nas proximidades do Rio Macacu e da villa de Itamby; actualmente S. José d'El-Rei, (1, 13, 18, 19).

ALDEIAS SEM CONTROLE BRANCO

Poucos são os traços deixados pelos indigenas sobre suas aldeias.

As pesquisas mais efficazes são as que se orientam para os documentos dos viajantes e chronistas coevos da época inicial da colonização.

Mas estes documentos dão esclarecimentos sobre a parte litoranea e calam sobre o interior, pela simples razão de ser o litoral a parte mais accessivel naquellas épocas aventurosas, por causa do trafico de productos da terra assaz rica.

No Rio de Janeiro estes aldeamentos agrupavam-se em maior quantidade em torno dos dous pontos, e se em outros lugares existiram aldeamentos notaveis, como é de suppôr, pouco ou nada se sabe a respeito d'elles.

No littoral fluminense as maiores concentrações de aldeias registradas são as que occuparam os portos de Cabo Frio, (dos Goitacases); Guanabara, (dos Tamoios); e Ubatuba, já no actual territorio paulista, tambem de tamoios.

Provavelmente em torno das outras bahias que bordam a costa tambem se desenvolveram aldeamentos, porém, as suas relações com o elemento branco não foram de molde a faze-los figurar nas chronicas da época.

Em torno da bahia de Guanabara os tamoyos estabeleceram numerosos aldeamentos, (4), destacando-se pela sua importancia historica:

Abruçumirim, na praia do Flamengo, (1, 8, 13, 16).

Paranapucuhy, na ilha do Governador, (1, 13, 16).

Além destes formaram-se outros como:

Guiraguadú-mirim, na barra da Tijuca, (17).

Gato, na ilha do Fundão, composta de Temininós, (2, 20).

Em torno do Pão de Assucar, encontramos os seguintes:

Jaboracyá, Pepim, Earumyri, Pana-ucú, situados do lado do Morro da Babylonia; Japopim, Ura-uassú-ué, quasi em frente ao penedo; Uarentim, entre o Pão de Assucar e o Morro da Viuva;

Tentimen, nas immediações do Pão de Assucar com o rio Carioca, (4).

Nas proximidades da Lagôa Rodrigo de Freitas existia Kariané, (4).

Distribuidas pelos morros de Sta. Thereza e Sto. Antonio: Catiuá, Kiriri, Anaraú, Purumuré, (4).

Na região hoje occupada pelos suburbios ao longo da Central do Brasil: Catiú, Pavuna Savigahy, Taly, Uepeé, Itauá, Uery, Acorosó, Margavia, Sarapú, Iraramem, Sapopema, (4).

Do lado de Niteroy: Itauna, Nurucuné, Arapatué, Urapué Uraramery, Caranacuy, (4).

Na ilha do Governador: Pindaussú Caroque, Piracujú, Coranguá, (4).

Dispersos por outros pontos do territorio littoraneo encontramos mais os seguintes:

Caibi, nas proximidades da Missão dos Patos, (14).

S. Braz, em Ingahyba no sacco de Mangaratiba, (13).

Marambocaba, Itaquacetuba, Ticoarape no territorio paulista, (2).

III

M I S S Ō E S

Os Jesuitas espalharam pelo Brasil 17 estabelecimentos de caracter religioso, (15), sob a fórmula de missões, collegios e fazendas.

No Rio de Janeiro tinham o collegio do mesmo nome, (3), no Morro do Castello, destinado á diffusão do ensino á novel colonia.

Das aldeias de contróle branco, administravam as de S. Bernabé e S. Lourenço, (3).

Das fazendas pertencentes á Companhia encontramos uma relação na Historia dos Jesuitas, de Mello Moraes, por occasião da expulsão dos mesmos do Brasil, constante das seguintes:

Engenho Velho, Engenho Novo, S. Christovam, Santa Cruz, Macacú, Itaguahy, Macahé, Campos dos Goitacases.

O principe Maximiliano cita a de Campos Novos em Cabo-Frio.

Estas fazendas eram verdadeiros centros de cathecheses indigena, pois os padres precisavam dos indios para os labores da gleba, sendo geralmente usado o systema de aforamentos.

Como missão os padres da Companhia organizaram a dos Patos, na região comprehendida entre o Rio de Janeiro e S. Vicente, no centro d'um grande aldeamento tamoió. (3, 14) Sua localização

no antigo rio Laguna dos Patos deve corresponder ao actual rio dos Patos que desemboca no braço de mar de Bertioga, pois encontramos em Moreira Pinto, Dictionario Geographico Brasileiro o seguinte, a respeito de Patos:

“Patos. — Rio do Estado de S. Paulo, no municipio de Santos. Desagua no braço de mar de Bertioga. Tem mais de 5 kilometros de curso”.

Com a denominação de Patos ha nesta região pequenos ribeirãoes, o que torna provavel ser aquelle o antigo rio Laguna dos Patos. E além do mais o Padre Vieira refere-se, tratando da Missão dos Patos, d'uma serra que corre por traz da tal Laguna dos Patos, o que satisfaz as condições do actual rio Patos.

IV

S A M B A Q U I S

A costa do Estado do Rio era rica em depositos conchiliferos que alimentaram durante muito tempo as caieiras fluminenses.

Muitos destes Sambaquis, não mais existem.

Mas o Professor Everardo Backeuser descobriu mais dois a que denominou de Piracão e Guaratuba situados, respectivamente, no mangue do Engenho de Fóra e no arraial Pedra de Guaratiba.

Os estudos dos mesmos já foram proficientemente feitos pelo seu douto descobridor que concluiu serem do typo geral de Sambaquis brasileiro, (21).

B I B L I O G R A P H I A

- 1 — Pizarro, *Memorias Historicas*.
- 2 — Hans Staden, *Viagens, ed. do 5º Centenario*.
- 3 — Mello Moraes, *Historia dos Jesuitas*.
- 4 — Mello Moraes, *Chronica do Imperio do Brasil*.
- 5 — Mello Moraes, *Chorographia Historica*.
- 6 — F. I. M., *Historia de S. João da Barra*.
- 7 — Capistrano de Abreu, *Historia do Brasil Colonial*.
- 8 — Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*.
- 9 — Fernão Cardim, *Da origem e do Principio dos Indios do Brasil*.
- 10 — Simão de Vasconcellos, *Das coisas do Brasil*.

- 12 — Jean de Leri, *Viagem ao Brasil*.
- 13 — Norberto de Souza e Silva, *Memoria, Revista do Instituto Historico e Geographico, Tomo 17*.
- 14 — Padre Antonio Vieira, *Annaes da Companhia de Jesus, Annaes da Bibliotheca Nacional, 1897*.
- 15 — Baron Henrion, *Histoire Générale des Missions Catholiques*.
- 16 — Max Kitzenger, *Historia da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo 76, 1ª parte*.
- 17 — Edmundo Marques Peixoto, *Aldeia Indigena na Tijuca, Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.
- 18 — Moreira Pinto, *Diccionario Geographico Brasileiro*.
- 19 — Ayres do Casal, *Chorographia Brasileira*.
- 20 — *Historia do Collegio do Brasil nos Annaes da Bibliotheca Nacional de 1897*.
- 21 — Everardo Backeuser, *Conferencia, na Revista Didactica da Escola Polytechnica de 1919*.
- 22 — Rodolpho Garcia, *Ethnographia Indigena, no Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico, Comemorativo do Centenario do Brasil*.
- 23 — Nelson de Senna, *Os Indios do Brasil*.
- 24 — Roquette Pinto, *Ethnographia Indigena*.

